

### ***Quarta-feira, 10 de abril de 2019 23:15, Vilar Formoso***

Está tudo pronto, a roupa escolhida, as malas feitas, os documentos em dia. A excitação está ao rubro, há meses que ansiávamos a chegada deste dia. Saímos de casa, damos um beijinho aos nossos pais, um até logo, e partimos rumo ao Porto. Toda a gente estava cansada, com sono, eram horas de dormir, mas ninguém o conseguia fazer, tal era a emoção e a expectativa daquilo que íamos fazer nos 4 dias seguintes.

### ***Quinta-feira, 11 de abril de 2019 3:20, Porto***

Chegámos ao Porto, tirámos as bagagens do autocarro e esperámos que as portas de embarque abrissem para nos entregassem os nossos bilhetes. Conosco esperava um mar de gente, colegas mais ou menos da nossa idade que, mais tarde, nos foram apresentados como os nossos companheiros de viagem. Eram de Aveiro, e por isso não era tão notório neles o cansaço, a viagem havia sido bem mais curta que a nossa.

Entregaram-nos os bilhetes, dirigimo-nos à segurança e, apesar de nenhum estar a cometer nenhum delito, todos estávamos com aquele nervoso miudinho, com a possibilidade da máquina apitar e termos que ser revistados, ou de nos esquecermos de tirar alguma moeda do bolso, ou um líquido da mochila. Afinal de contas, era a segurança do aeroporto impunha, não digo medo, mas respeito. Atravessámos, “ninguém apitou”, estávamos de certa forma aliviados.

Faltavam-nos agora mais duas horas de espera até entrarmos no avião para partir para Frankfurt. Essas duas horas toda a gente as quis aproveitar para descansar, dormir, mas foram poucos os que conseguiram. Já devíamos 4 horas à cama, mas a emoção de chegar continuava ao rubro e alguns nem as pálpebras conseguiam fechar! Havia ainda outros, cujo nervosismo se devia ao facto de nunca terem andado de avião, ou mesmo aqueles que já o tinham feito, em que se notava talvez um certo receio, quer do avião em si, quer das alturas.

Finalmente chegou a hora, entrámos no avião, preparados para mais uma viagem, desta vez de duas horas e meia, até Frankfurt, onde esperámos mais quatro horas para apanhar o voo para Cracóvia, que demorava mais uma hora e meia.

Parabéns a quem nesses intervalos de espera e viagens conseguiu descansar, infelizes daqueles que, como no meu caso, não conseguiram sequer “descansar os olhos”. A espera era longa, mas não custava a passar, as expectativas para a viagem, faziam com que essa espera valesse a pena.

### ***Quinta-feira, 11 de abril de 2019, 14:00 (hora local), Cracóvia, Polónia***

Do avião avistávamos as paisagens verdejantes e campestres da Polónia, já observávamos terra firme há algum tempo, mas a aterragem ainda estava longínqua e demorada. Os 10 minutos que descemos das alturas custaram mais a passar do que as horas todas de viagens e entre viagens, pareciam intermináveis, e o sentimento de estar a minutos de pisar a terra polaca só agravava a demora da aterragem.

Finalmente, chegámos! À nossa espera, no aeroporto João Paulo II, para além de dezenas de pessoas com várias plaquinhas com nomes de toda a parte do mundo, estava Ricardo Presumido, aquele que nos iria acompanhar como nosso guia, durante esta aventura. Do aeroporto, deslocámo-nos até ao hostel, onde rapidamente largámos as bagagens e, sem mais demoras, começámos a nossa aventura!

Fomos até ao coração do Bairro Judaico. No entanto, de judeus, apenas a memória, as casas (por outras pessoas habitadas) e as sinagogas que já não são utilizadas para culto judaico, mas para todo o tipo de outros serviços e “culto” de turistas de toda a parte. Apesar da inexistência de judeus propriamente ditos, era notória a sua passagem e permanência naquele bairro: vestígios nas ombreiras das portas, a própria arquitetura das casas, etc.

Naquele pequeno largo, parámos em frente a um pequeno monumento de homenagem a todas as vítimas judaicas do Holocausto. Nele, estavam dezenas de pedras, para além de um monólito enorme com uma placa em ferro gravada com uma mensagem, cercado por uma gaiola de ferro que no topo continha uma estrela de David. Ninguém desvendava o seu significado, mas também ninguém perguntava, talvez com receio de ser descoberta a ignorância, ou então por pensar que fazia parte do monumento em si. Era um monumento simples, mas necessário para lembrar a cada um que o visita que não cometa os mesmos erros que outros cometeram no passado, e para manter viva a memória de todos aqueles que por esses mesmos erros perderam a vida.

A seguir, dirigimo-nos a um museu, onde vimos a nossa viagem, que há pouco se iniciara, resumida em imagens. Imagens recolhidas por dois fotojornalistas, de locais com vestígios da presença judaica. Imagens daquilo que os judeus polacos faziam antes da Polónia ser invadida, imagens daquilo que sofreram com essa mesma invasão. Imagens dos locais onde foram mortos e torturados. Imagens de locais que iríamos, em breve, visitar.

Depois, dirigimo-nos a um dos locais de gravação do filme “*A Lista de Shindler*”, o famoso pátio onde mãe e filha se escondem com a ajuda de um pequeno rapaz soldado nazi. No percurso, deparámo-nos com a degradação das antigas casas judaicas, que ou por preconceito ou medo, desde a II Guerra Mundial não são restauradas, e por isso se encontram destruídas, e cobertas de um fundo negro escuro, como se de casas incendiadas se tratassem (que ironia de palavras).

(In)Felizmente, as visitas guiadas chegaram ao fim. Já estávamos consumidos pelo cansaço das horas mal dormidas e, no caminho de regresso para o hostel, em vez de andar, balançávamos ao sabor do vento. No entanto, esse cansaço não nos impediu de aprender com tudo aquilo que tínhamos visitado.

### ***Sexta-feira, 12 de abril de 2019, 08:00 (hora local), Cracóvia, Polónia***

Levantámo-nos fresquinhos e com o sono em dia, preparados para continuar a nossa aventura. Tomámos o pequeno almoço, vestimos os casacos, abrimos os chapéus de chuva, colocámos os nossos “melhores amigos” ao ouvido, e lá fomos. Direção: fábrica de Shindler.

Logo à entrada, deparámo-nos com janelas forradas com fotografias daqueles que eram os judeus de Shindler, aqueles que sobreviveram graças ao facto de terem sido escolhidos para trabalhar nessa mesma fábrica, a fazer balas (des)calibradas propositadamente.

Quando entrámos, começámos por conhecer um bocado das vivências judaicas antes da invasão, até mesmo do dia anterior, com provas fotográficas e testemunhos. Depois, “presenciámos” o decorrer da invasão e as atrocidades aquando desta cometidas, através de fotografias e testemunhos, é claro, mas também de metáforas arquitetónicas.

Lembro-me perfeitamente que, uma das partes mais marcantes, foi quando passámos a parte em que os judeus eram presos, e o teto era igual ao chão, eles estavam “submersos” / “enterrados” naquela prisão, o céu que viam era o chão que pisavam.

Mais na parte final do museu, passámos por um corredor muito escuro, onde o chão pareciam areias movediças, representava o medo, a insegurança, o desequilíbrio. E no final via-se uma sala luminosa, cheia de uma luz branca quase incandescente. Para alguns, significou a esperança, o final da guerra, a sobrevivência, a vida. Mas essa luz, para mim, poderia muito bem representar o final trágico de milhões de judeus, como se da ida para o Céu se tratasse.

À saída dessa sala imensamente iluminada, havia um portão escuro, não só pela sua própria cor, mas também pela história que carregava consigo, era o portão do gueto onde os judeus, antes de serem distribuídos para os campos de concentração, foram enclausurados física e socialmente. E foi para esse mesmo gueto, que nos deslocámos a seguir, gueto, como quem diz, aquilo que restava dele.

Fomos até ao local onde restava intacta uma parte do muro que separava os judeus do gueto de Cracóvia, de Cracóvia e do resto do mundo. Era um muro alto, onde a linha do horizonte se tornava inalcançável, e o único horizonte visível, eram imitações sádicas de lápides judaicas, talvez meras coincidências, talvez pistas para o futuro que os esperava, talvez pura maldade...

Ainda no perímetro do gueto, visitámos uma farmácia, a famosa farmácia do gueto. Nesta, trabalhava um polaco, que para além de ajudar a tratar doenças, prescrever medicamentos, informava também os judeus daquilo que se passava no mundo lá fora, mostrava-lhes jornais, reunia-se com eles para falar de tudo e nada. Era o único polaco entre os judeus... Esta farmácia localiza-se num canto da praça das cadeiras, uma praça cheia de cadeiras de madeira vazias, que representam os milhares de cadeiras que os judeus traziam de suas casas quando eram expulsos das mesmas. E estavam vazias representando, assim, o vazio de judeus que existe agora em Cracóvia...

E assim acabou a nossa manhã de visitas.

## ***Sexta-feira, 12 de abril de 2019, 14:00 (hora local), Cracóvia, Polónia***

Fomos de encontro ao primeiro campo de concentração que íamos visitar: Plaszow. Contrariamente ao que esperávamos, devido a fotos que vimos na internet, era apenas um campo verdejante, repleto de erva que florescia num tom tão primaveril que quem passasse por ali nunca diria que aquele espaço havia sido um campo de concentração e trabalho, mas que era apenas um grande parque para dar um passeio.

A única coisa que nos indicava o que ali se havia passado era uma placa colocada na suposta entrada do campo, que se encontrava mesmo ao lado de uma casa sombria, supostamente a casa onde o chefe do campo vivia, e onde alguns judeus viam o fim da sua vida, nas suas caves.

Antes da invasão nazi, aquele espaço era um cemitério judaico, e dele ainda restavam vestígios: algumas campas, muitas lápides – umas intactas, outras destruídas. Tinham sido destruídas pelos nazis para criarem o campo de trabalho. Quão maldoso e sádico?! Obrigarem os judeus a trabalhar pisando o local onde os seus antepassados haviam sido sepultados! Quanto não afetava psicologicamente todas aquelas pessoas...?

Ao andarmos umas dezenas de metros e subindo algumas colinas, mais que os escombros de um cemitério destruído, encontrávamos locais onde nem o campo, nem Cracóvia se viam. Eram locais tão bem, estrategicamente, posicionados que ninguém nem no campo, nem no resto da cidade conseguia ver o que lá se passava. Eram estes os locais de eleição dos nazis para MATAR. Ninguém via como, quem, quando...

Nestes locais encontrámos ainda monumentos de homenagens tanto para judeus, como para os cristãos – sim, cristãos - membros da resistência polaca, intelectuais, todo o tipo de pessoas que iam contra os pensamentos nazis eram ali mortas. Às escondidas, sorratamente, sem ninguém saber ou desconfiar do que ali se passava.

Era chocante pensar que se déssemos um passo para a esquerda ou para a direita, para além de estarmos a pisar o sítio onde alguém tinha sido enterrado, estávamos a pisar o sítio onde alguém tinha sido morto por uma bala injusta, ou tinha caído em profundo sofrimento aquando de uma tortura, e tudo isto sem justificação ou razão de ser.

Não obstante, encontrávamos vestígios do antigo cemitério. Mas e do campo? Há apenas suposições do que ali se terá passado, porque provas, os nazis destruíram-nas antes de ir embora. Para que não fossem julgados pelas atrocidades cometidas.

Eram pensamentos que cortavam a respiração e quase condicionavam a nossa locomoção, andávamos todos num compasso calmo, pesado... e a tentar ao máximo que este não desrespeitasse a história do local...

## ***Sexta-feira, 12 de abril de 2019, 17:00 (hora local), Cracóvia, Polónia***

Dali partimos até ao Monte Croks, onde escalámos ao encontro da energia especial que se obtinha quando se alcançava o topo do mesmo (segundo a lenda). Subi. Mas não sei se captei essa tal energia. Mas, pela primeira vez desde a chegada a Cracóvia, consegui ver-lhe a beleza e respirar um ar mais leve. Até então apenas tinha visto escuridão e um clima pesado nos locais onde passámos. Talvez seja isso que a lenda metaforiza nessa energia mística, ou talvez não.

Aquela paisagem e aquela bonita cidade conseguiram cortar-me a respiração, mas desta vez por um motivo positivo. É uma pena uma cidade tão bela estar coberta por um manto tão obscuro, que de certa forma lhe tira essa beleza, ou pelo menos, a torna menos perceptível...

## ***Sábado, 13 de abril de 2019, 7:20 (hora local), Cracóvia, Polónia***

O dia começou mais cedo que os anteriores, custou a levantar, pois tínhamos ficado a falar até tarde sobre os nossos pensamentos e sensações em relação ao dia anterior. Mas, com uma pálpebra ainda fechada e o corpo meio dormente, tomámos o pequeno almoço, vestimos os casacos, abrimos os chapéus de chuva, colocámos os nossos “melhores amigos” ao ouvido e, mais uma vez, partimos para mais um dia de descoberta. Desta vez, aguardava-nos Auschwitz. Para muitos, a visita deste local era o propósito da viagem e, finalmente, o grande momento tinha chegado.

À entrada do campo deparámo-nos imediatamente com o famoso portão, com a famosa frase em alemão “o trabalho liberta”. Por aquele portão passavam todos os dias milhares de pessoas condenadas a uma vida (se é que

assim lhe podemos chamar) sem qualquer liberdade. Então a que se referiam os alemães? O trabalho liberta do quê? Da morte! Talvez... Mas mesmo assim, todos os dias no regresso daquele trabalho “libertador” da morte, eram trazidos corpos, daqueles que no trabalho não tinham mais forças. Ao passar naquele portão parece que algo cai sobre nós, permanecemos num silêncio, tanto interior como exterior, ouvem-se apenas o barulho dos sapatos, em passos lentos. Olhamos em volta e estamos cercados por arame farpado... (se até a nós, agora, uma imagem daquelas provoca medo, como se sentiriam aqueles que ali viviam sobre o comando nazi?). Na linha do horizonte vêem-se apenas barracões - casas de tijolo enormes com enormes janelas, onde algumas escadas surgiam por baixo de portas sombrias. Viam-se ainda janelas mais pequenas, ao nível do chão, eram as janelas das caves daqueles barracões sinistros, impiedosos, mortíferos...

O primeiro barracão que encontramos era a cantina. É claro que tinham uma cantina, eram instalações do melhor! Do melhor para deixar milhares de pessoas a morrer à fome. Apenas lhe serviam um bocado de pão duro, sopa que era apenas água quente, e tudo em míseras quantidades, como devem imaginar.

Num barracão mais à frente tínhamos toda uma exposição sobre as vítimas judaicas – quantas eram, os locais de onde vinham, imagens de como ali chegavam -, mas esta era feita à base de imagens e o impacto, apesar de existir, não era tão grande quanto nos pavilhões seguintes. Neste, no entanto, havia um pequeno monumento, que nos fazia refletir bastante, uma urna enorme, com cinzas encontradas no campo, que apenas dizia “1940-1945” ...

No edifício seguinte, onde o choque foi mais intenso, encontramos montras enormes com armações de óculos, próteses, pernas de pau, moletas, milhares de sapatos e ceras de engraxe, malas, painéis, escovas, roupas, tudo em quantidades exorbitantes, que só nos demonstravam ainda mais e melhor a quantidade de pessoas que ali passaram e ali têm “guardados”, para nada e para sempre, os seus pertences.

“Mas na verdade o que era isso, apenas objetos, meros objetos...” tentávamos nós desviar assim o pensamento. Mas de repente, entramos numa sala, e estão ali, intocáveis, duas toneladas de cabelo... parte do corpo de mulheres, que tinham cabeleiras como as conhecemos hoje, vivas, brilhantes, secas ou oleosas, com volume ou sem volume, mas que agora, eram apenas cabelo... morto... Foi das coisas mais chocantes que vi na minha vida, e tenho a certeza que me marcou para a vida. Quanto não refilamos por acordarmos alguns dias mais despenteadas que o normal? Mas, e se ao invés de refilarmos por isso, não acordamos agradecidas por ter o cabelo como queremos, e não nos ser cortado pelo simples facto de alguém pensar que não é higiénico ou digno... A sorte que temos de ser livres a esse ponto! Sim, porque até essa liberdade os nazis tiraram a milhares de mulheres...

Noutro barracão ainda, vimos expostas na parede fotografias de alguns judeus que por ali passaram, com as suas datas de chegada ao campo, de morte, nome... Estavam ali fotografadas famílias inteiras, que se identificavam pelo mesmo apelido e expressões faciais...

Mais tarde, fomos à prisão do campo. Uma prisão dentro da prisão, como se todo o resto não fosse já suficiente. Nela encontramos celas normais, com beliches, minimamente espaçosas, com sanitas, instalações onde a sobrevivência ainda era possível. No entanto, nem toda a prisão era assim. Descíamos umas escadas e chegávamos às celas mais obscuras e sinistras. Celas onde se entrava através de buracos mínimos no chão, celas de 2,5 metros quadrados, que não serviam para uma pessoa, mas sim para 4. Quatro pessoas ficavam ali de pé horas a fio, à espera da morte, sem se puderem sentar, não havia espaço... Sem ter onde fazer as necessidades... 2,5 metros quadrados de puro e duro desespero... Não obstante, para além daquelas celas, havia ainda outras, as chamadas celas do escuro, onde nem um raio de sol ou qualquer tipo de luz entrava, eram assustadoras...

Passámos ainda pelo hospital, onde eram feitas as famosas experiências em gémeos e mulheres.

Nos últimos barracões, vimos: a evolução dos desenhos das crianças do campo, encontramos desde desenhos de famílias felizes e completas, até desenhos de três homens enforcados... Era chocante... Arrepiava... Fotos do estado degradante de algumas sobreviventes esfomeadas, estavam macérrimas. Os relatos diziam que algumas pesavam 42 kilos... Era impressionante... Por fim, vimos ainda um livro que continha 4 milhões de nomes de vítimas do Holocausto... E estima-se que faltem outros 2 milhões...

Entre os barracões, o cenário era arrepiante, viam-se postos de vigia e corredores delineados por árvores, que pareciam mortas. Que ironia... O chão tanto dos barracões como dos “jardins” estava gasto, gasto pelos milhares de pessoas que todos os anos visitam aquele sítio, mas também pelos milhões de passos que ali foram dados por pessoas inocentes enclausuradas durante anos... Andávamos uns metros para a frente e encontrávamos pátios com forcas (iguais às dos desenhos das crianças), ali no meio do campo, sem ninguém estar à espera...

Sáímos da cerca de arame farpado, e entrámos numa câmara de gás e num pequeno forno crematório. As paredes estavam arranhadas... O quão dolorosa não seria aquela morte desumana... Restavam ainda os buracos no teto onde eram colocados os cristais daquele gás mortífero... E depois estava todo um mecanismo de transporte dos corpos... diretamente da câmara de gás... para o forno crematório.

Sáímos do campo, neste clima... de morte. Ali tinham morrido milhares de pessoas... E naquele momento, as nossas palavras também... Estávamos calados... Não por medo de falar, mas porque não conseguíamos dizer nada... Nem queríamos... Queríamos o silêncio entre os outros e para nós mesmos... Talvez por homenagem... Ou na tentativa de encaixar e arrumar nas nossas cabecinhas todas aquelas emoções e pensamentos...

### ***Sábado, 13 de abril de 2019, 14:00 (hora local), Oświęcim, Polónia***

Mas o dia ainda não acabou, dali partimos para Auschwitz II-Birkenau, o verdadeiro campo de extermínio...

À entrada, tínhamos aquela famosa estrutura em tijolo, cortada por uma linha de caminho de ferro. Parecia a entrada para um parque de diversões, mas o clima que ali se vivia, era de tudo menos de diversão. A linha abria-se em três, e numa delas víamos um vagão. Era deste modo que as pessoas entravam naquele campo, em vagões semelhantes àquele, com cerca de 80 a 90 pessoas de cada vez, às vezes, com uma viagem de 24 dias até lá e apenas com um balde de água, e comida... nem vê-la. Algumas pessoas mais frágeis, ou que estivessem doentes, morriam no caminho, sem chegar a parte nenhuma...

De cada lado das linhas, estavam os barracões, um lado para homens e o outro para mulheres. O lado feminino estava intacto. No entanto, do masculino sobravam apenas alguns barracões e chaminés, muitas chaminés, que surgiam solitárias no meio do relvado. O resto foi incendiado aquando do fim da guerra, como forma de destruição de provas.

Para além da direção direita para os homens e esquerda para as mulheres, havia ainda uma outra - em frente. Um longo caminho em frente, como se nos dirigíssemos para o horizonte, mas em vez do horizonte, o fim era uma câmara de gás... Para lá dirigiam-se aqueles que, escolhidos através do movimento de um polegar, eram imediatamente condenados à morte...

Das câmaras de gás e fornos crematórios, apenas encontrámos escombros. Estes, como tantas outras provas do que naqueles campos se tinha passado, tinham sido destruídos. Parámos. Refletimos. Ouvimos histórias de judeus que ali trabalhavam a carregar os corpos, muitas vezes de familiares, para serem incinerados... E fizemos o caminho para trás, caminho este ainda percorrido por vários sobreviventes no final do Holocausto, naquelas que foram denominadas as "marchas da morte".

A meio deste caminho, parámos uma vez mais e o nosso guia contou uma história, que marcou a viagem tanto ou mais que todas as experiências vividas e locais visitados até então. Era a história de um pai e um filho que sobreviveram a Birkenau e começaram estas marchas da morte. No entanto, o pai não conseguia caminhar mais e sentou-se... O filho não teve tempo de se despedir do pai, tinha um soldado alemão a berrar-lhe ao ouvido "Rápido! Corre!". Teve apenas tempo de se lembrar do que o pai lhe dissera sobre todos os dias guardar um bocadinho de pão para o dia seguinte, tirar-lho do bolso e continuar caminho, deixando o seu próprio pai para trás... sem ter tempo de se despedir...

Mais uma vez, num silêncio inquebrável, continuámos o nosso caminho...

Estava frio, eu trazia vestidas 3 camisolas, 1 casaco, luvas, gorro, e eu tinha frio com todas estas camadas de roupa. Só pensava no frio que os "presos" não deviam ter sentido com aqueles pijamas às riscas, que eram apenas uma "risca" fininha de tecido, sobre um corpo já frágil... O pensamento alargava-se ao cansaço dos meus pés, que estavam protegidos com umas sapatilhas com uma sola em gel e palmilha de esponja. Só imaginava o cansaço dos deles, que estavam descalços ou tinham uma sola de madeira, dura, a separá-los de um chão rugoso e doloroso...

Pensar, uma vez mais, que pisava o chão onde alguém morreu, mexia comigo. Tentava dar cada passo com o máximo respeito, mas sempre com medo e com a sensação de estar a desrespeitar algo ou alguém. Os pensamentos alargavam-se tanto quanto a distância percorrida, e proliferavam com toda a força no meio daquele silêncio impiedoso. Cada um tentava imaginar o que era viver ali, tentando colocar-nos na pele dos milhares de pessoas que ali passaram... Tentávamos quebrar o silêncio, pelo menos na nossa cabeça.

Até que, finalmente, entrámos num dos barracões, e este diminuiu. No entanto, não era um daqueles barracões que se vêem nos filmes, com beliches de madeira. Aquele era a casa de banho comunitária onde, à mesma hora, 50 pessoas, ao mesmo tempo, faziam as necessidades, hora essa que não era opção de escolha ou de necessidade de cada um, mas sim quando os soldados nazis davam autorização para... Até isso, as necessidades fisiológicas, eram forçadas...

Por fim, subimos até à torre do campo e, aí apercebemo-nos, da verdadeira imensidão do campo. Quantas pessoas não estariam ali, simplesmente para morrer, pelo simples facto de existirem...? Vimos também, além de escombros de um campo de extermínio, um campo verdejante. Um relvado adubado pelas cinzas que há uns anos saíam das enormes chaminés dos fornos crematórios, como se fosse a neve da noite de Natal. Era este o único pensamento que atravessava a minha cabeça, quando observava aquela “paisagem”...

Foi uma visita dura, cheia de emoções e muitas difíceis de organizar e perceber. Acho que ainda não as percebi, mas como ainda estão tão vivas, continuo a tentar percebê-las...

### ***Sábado, 13 de abril de 2019, 17:00 (hora local), Cracóvia, Polónia***

O final da jornada fez-se num compasso pesado e lento, com muitas emoções ainda a pairar no ar, mas mais descontraído que o resto do dia. Visitámos o centro da cidade, a catedral e a praça do mercado e, uma vez mais, contrastámos a fealdade do que havíamos visitado anteriormente, com a beleza de Cracóvia, típica de uma cidade europeia.

### ***Domingo, 14 de abril de 2019, 8:00 (hora local), Cracóvia, Polónia***

E o último dia chegou. (In)Felizmente, por um lado, pois não queria ir embora, mas, por outro, já não aguentava o peso do clima vivido nos dias anteriores.

O voo só era à tarde e ainda aproveitámos a manhã para visitar a Velha Sinagoga. Assim, voltámos onde a nossa viagem tinha começado, ao coração do bairro judaico, junto ao primeiro monumento que visitámos. Ao longo da viagem, as pedras nos monumentos de homenagem aos judeus eram frequentes e em grande quantidade e, só no final desta viagem, é que percebemos o porquê. Representam a imortalidade, as pedras na natureza não morrem. As pessoas que as lá colocam, colocam-nas no sentido de “imortalizar os mortos”. Para mim, representam a necessidade de manter imortal o que se passou num passado tão recente, para que não se cometam os mesmos erros num futuro próximo ou longínquo...

E com esta moral, acabei a minha viagem e esta experiência, que vou guardar comigo, quer no pensamento quer no coração.

*Dziękuję,  
Eva.*